

**Marcos Flávio de Aguiar Freitas**

**O CHORO EM BELO HORIZONTE:**

aspectos históricos, compositores e obras.

Belo Horizonte  
Escola de Música da UFMG  
2005

**Marcos Flávio de Aguiar Freitas**

## **O CHORO EM BELO HORIZONTE:**

aspectos históricos, compositores e obras.

Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Música.

Linha de Pesquisa: Performance Musical.

Orientador: Prof. Doutor Fausto Borém.

Co-orientador: Prof. Doutor Radegundis Feitosa.

Belo Horizonte  
Escola de Música da UFMG

2005

**Dedico este trabalho a todos os admiradores do Choro.**

## **Agradecimentos**

A EM/UFMG e ao Prof. Fausto Borém pela oportunidade;

Ao meu professor Paulo Lacerda;

A todos os chorões que contribuíram para este trabalho;

Aos amigos do TromboMinas, Coral de Trombones da UFMG, Dorotéia, Walter José e Radegundis;

À minha esposa e a todos os meus familiares pelo apoio.

F862c Freitas, Marcos Flávio de Aguiar

O Choro em Belo Horizonte: aspectos históricos, compositores e obras / Marcos Flávio de Aguiar Freitas. – 2005

43 fls.

Artigo (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Música.  
Orientador: Prof. Dr. Fausto Borém de Oliveira

Contém bibliografia.  
Biografia e listagem de obras.

1. Música Popular Brasileira. 2. Choro (música).  
3. Compositores – Brasil. I. Título.

CDD. 780.981

## Resumo

O choro, gênero instrumental originalmente brasileiro, cada vez mais tem sido escolhido como tema de pesquisa no meio acadêmico. Em Belo Horizonte, apesar de uma história ainda não centenária, o choro se consolidou com uma produção regular de grupos instrumentais e compositores que se dedicaram ao estilo. O presente estudo busca documentar a trajetória do choro na capital do Estado de Minas Gerais, desde a sua vinda do Rio de Janeiro, passando pelos programas ao vivo dos chorões nas antigas rádios da cidade, finalizando com traços biográficos de seus principais compositores e a catalogação de suas obras. Tendo em vista o grande número de compositores que escreveram obras nesse gênero, optou-se pelo recorte que considera apenas os músicos que atuaram regularmente tanto como instrumentistas de reconhecidos grupos de choro de Belo Horizonte, quanto compositores de considerável produção. O exíguo número de fontes levou-nos à estratégia de utilizar, como principais procedimentos metodológicos, a análise das peças e entrevistas semi-estruturadas com compositores, instrumentistas e radialistas. As obras foram catalogadas segundo os parâmetros de data, compositor, dedicatória (caso existente), gênero (choro ou valsa-choro) e localização.

**Palavras-chave:** Choro em Belo Horizonte, música popular brasileira, compositores, catalogação musical.

## **Abstract**

The *choro*, an original Brazilian instrumental genre, has increasingly been chosen as an academical research object. In Belo Horizonte, despite of it's non-centural history, the choro established itself thanks to the regular production of instrumental groups and composers which dedicated to this style. The current article aims at documenting choro's development in the capital of Minas Gerais, since it arrived from Rio de Janeiro, throughout the live broadcastings of the "chorões" in the old radios of the city, with biographical information of its main composers, as well as a catalog of their pieces. Due to the vast number of composers writing pieces in this genre, we chose to approach, within the scope pf this article, only the musicians who worked regularly as instrumentalists of famous groups of choro in Belo Horizonte, as well as composers of considerable production. The reduced variety of bibliography references led to the strategy of using, as the main methodological procedure, the analysis of the pieces and half-structured interviews with composers, instrumentalists and radialists. The pieces were catalog by date, composer, dedicatory (in case there is), genre (choro or waltz-choro) and location.

**Keywords:** Choro in Belo Horizonte, brazilian popular music , composers, music catalog.

## Sumário

<b>Resumo</b>	i
<b>Abstract</b>	ii
<b>Introdução</b>	1
<b>1. História do choro</b>	2
<b>2. Belo Horizonte e a música</b>	5
<b>3. Belo Horizonte e o choro</b>	9
<b>4. Compositores de Choro em Belo Horizonte e suas obras.</b>	16
4.1. Ausier V. Santos	16
4.2. Beline A. de Andrade	18
4.3. Geraldo R. L. de Alvarenga	24
4.4. Gustavo H. Monteiro	27
4.5. Hélio Pereira	29
4.6. Sílvio Carlos S. Costa	31
4.7. Waldir Silva	33
4.8. Warley H. Dalmásio	38
<b>5. Conclusão</b>	40
<b>6. Bibliografia</b>	41

## **Introdução**

O choro tem uma importância muito grande no meio musical, sendo um dos gêneros instrumentais que genuinamente nasceram em território brasileiro. Respeitado em todo o mundo como um estilo definido, esta importância vem sendo corroborada com o choro sendo tema de pesquisas em todos os níveis, inclusive no meio acadêmico, já com várias teses.

Em Belo Horizonte, apesar de sua história recente, o choro desenvolveu uma forte ligação com a cultura mineira com grupos e compositores que se dedicaram ao gênero. Diante disso o presente artigo busca registrar compositores e obras, fatos e pessoas que fizeram a história do choro na capital Belo Horizonte. Como fontes, foram utilizadas principalmente entrevistas com personalidades ligadas ao gênero em Belo Horizonte. Como critério para seleção dos compositores a serem catalogados, optamos por escolher alguns dos mais reconhecidos do meio, e outros que atuaram ou ainda estão atuando em grupos regionais e que dedicaram suas composições apenas a este tipo de formação aqui em Belo Horizonte.

Creio que este registro irá contribuir para um justo referendo a alguns personagens que escreveram esta história recente do movimento choro em Belo Horizonte, além de servir de referência e incentivo para mais composições, músicos e o crescente número de pessoas que se interessam pelo choro atualmente.

## 1. História do choro

Segundo BEHAGUE (1979, p. 93), por volta de 1930, o lundu das áreas urbanas brasileiras já integrava características de sua origem africana com o caráter sentimental da modinha, de origem europeia<sup>1</sup>. Segundo LOUREIRO, “a transformação do lundu de uma tradição folclórica para uma tradição urbana foi de grande significado para o desenvolvimento da música popular brasileira”<sup>2</sup> e a modinha “foi responsável pela introdução de vários elementos europeus na música popular urbana do Brasil”<sup>3</sup>.

Ambos foram de fundamental importância no desenvolvimento da música popular brasileira, que culminou com o surgimento das primeiras formas musicais populares tipicamente urbanas, dentre elas o choro.

O choro surgiu no Rio de Janeiro como resultado de um movimento de transformação da música brasileira que vai se localizar próximo à segunda metade do séc. XIX, uma época prodigiosa, quando a primeira geração de chorões brilhou intensamente.

No início da década de 1850, começam a chegar ao Brasil, pelas orquestras estrangeiras, partituras importadas e, pelas companhias de teatro portuguesas, danças de salão que faziam sucesso na Europa. A valsa, a quadrilha, a habanera,

---

<sup>1</sup> CANÇADO, p. 103.

<sup>2</sup> Tradução livre do inglês: “The transformation of the lundu from a folk tradition into an urban tradition was of great significance for the development of Brazilian popular music”-LOUREIRO, p. 7.

<sup>3</sup> Tradução livre do inglês: “(...) was responsible for the introduction of many European elements into the urban popular music of Brazil” - LOUREIRO, p. 14.

a mazurca, o *schottisch* e a polca, sobretudo esta última, considerada a matriz do choro, tiveram grande aceitação no Rio de Janeiro, logo se irradiando por todo país.

Ao interpretar de maneira própria este repertório de música ligeira, também sob a influência do lundu e da modinha, os músicos cariocas começam a criar o choro. Em um primeiro momento, o termo serve para designar o “sotaque” carioca emprestado ao repertório de danças européias, referindo-se, ao mesmo tempo, à formação instrumental que tinha por base os violões, o cavaquinho e, comumente, uma flauta ou outro instrumento de sopro solista. Em pouco tempo, o choro constituiu um gênero próprio, porém sempre mutante e apto a incorporar as influências mais diversas, uma vez que carrega, em si, o caráter de “maneira” de tocar (CAZES, 1999, p.21).

A formação instrumental, que antecede em quase quatro séculos o regional<sup>4</sup> de hoje, era constituída pelas *violas de arame* (predecessoras dos violões), *machete*<sup>5</sup> (nome do atual cavaquinho) e *pandeiro*, que acompanhavam o canto ou algum instrumento de sopro.

---

<sup>4</sup> “Regional” é a designação popular dada à formação instrumental de um grupo de choro. O nome regional se originou de grupos como os Oito Batutas, que na década de 20, associavam a formação com violões, cavaquinho, percussão e algum instrumento solista a um caráter de música regional.

<sup>5</sup> WISNIK, p. 22.

A origem do nome “Choro” tem tido muitas explicações. Embora curiosas, nenhuma das suposições foram ainda realmente comprovadas. Segundo Jacques Raimundo e Luiz da Câmara Cascudo, citados por VASCONCELOS (1977, p.14), “os negros faziam bailes nas fazendas chamados de xolo, e com o passar do tempo esse nome veio se transformando até chegar à palavra choro”. O próprio VASCONCELOS (1977, p.14) acredita que o choro teria vindo da corporação de músicos de importância no período colonial, os choromeleiros, nome que, também com o passar do tempo, foi encurtado para choro. A primeira teoria pode ser facilmente contestada, já que seria difícil explicar, com base em origens rurais, um fenômeno tipicamente urbano como o choro. Também parece pouco provável que as *charamelas* influenciariam um estilo que apareceu tanto tempo depois.

Outras hipóteses dizem respeito a uma relação do sentimento de melancolia expresso na interpretação. Muitos, como José Ramos Tinhorão, citado por CAZES (1999, p.18), sustentam que esta impressão melancólica do estilo de tocar o choro é gerada pelas baixarias dos violões. Quanto à idéia de Tinhorão, observa-se que, em gravações de grupos de choro do início do século XX (por volta de 1907), quando o estilo já existia há quarenta anos aproximadamente, o violão ainda não era usado com a fluência e exuberância com que estamos acostumados. Talvez a hipótese mais plausível seja a última, do próprio CAZES (1999, p.19), de que o termo choro seja uma decorrência da “*maneira chorosa de frasear o solo, gerando o termo chorão. Na verdade se algo evocava melancolia era a maneira de se tocar a melodia*”.

Já a designação “chorinho”, é uma expressão usada para definir um choro de curta duração ou tocado em andamento rápido. Entretanto, o termo “chorinho” é considerada uma expressão pejorativa por boa parte dos músicos que atualmente tocam o choro.

Do ponto de vista do status social e profissional, os compositores e instrumentistas do choro de hoje são muito mais valorizados. O choro progrediu das modestas rodas (ambientes onde os chorões se reuniam) para os palcos dos mais importantes teatros do Brasil, tendo revelado compositores de renome mundial, entre os quais o maior expoente continua sendo Alfredo da Rocha Viana Filho, o Pixinguinha.

## **2. Belo Horizonte e a música**

Ouro Preto tornou-se a capital do Estado de Minas Gerais em 18 de agosto de 1721, mas, com o passar dos anos, já não oferecia condições para ser o centro administrativo, político e financeiro do estado. Houve várias tentativas de mudança da capital nos anos de 1789, 1821, 1833, 1851 e 1867. A cidade que hoje é Belo Horizonte nasceu a partir de um grande curral por volta do século XVIII, cujo primeiro povoado foi fundado em 1701. Em 12 de dezembro de 1897, Belo Horizonte se tornou a capital do estado, mesmo ano em que Alfredo da Rocha Viana Filho, o genial Pixinguinha, nascia no Rio de Janeiro.

Enquanto se desenvolviam as últimas lutas políticas para a mudança da capital do Estado de Minas Gerais de Ouro Preto para Belo Horizonte, já havia no Rio de Janeiro um movimento musical bem acentuado. O choro já começava a se tornar uma forma musical definida<sup>6</sup>. Joaquim Antônio da Silva Callado (1848-1880), Chiquinha Gonzaga (1847-1921), Ernesto Nazaré (1863-1934) e Anacleto de Medeiros (1866-1907) já eram compositores renomados.

Mais do que erguer prédios, ruas e jardins no imenso canteiro de obras do final do século XIX que era Belo Horizonte, havia uma preocupação em transformar a vida provinciana do antigo arraial, trazendo para o povo mais cultura e um estilo mais cosmopolita. Assim, foram criados o teatrino provisório (1895), o Clube Recreativo Belo Horizonte (1894), o Club Sportivo 17 de Dezembro (1895) e a Biblioteca (1895). Essas iniciativas buscavam dotar a cidade de elementos que pudessem sustentar uma vida culturalmente mais diversificada. Foi com este espírito que o arquiteto português Alfredo Camarate organizou a primeira banda de música da cidade, a Sociedade Musical Carlos Gomes, em 11 de julho de 1896<sup>7</sup>. Desempenhando um papel relevante na construção do lazer e da cultura da cidade, essa banda esteve presente nos principais eventos oficiais de sua história inicial, como a inauguração do Parque Municipal de Belo Horizonte (26/09/1897), da iluminação elétrica (11/12/1897) e da cerimônia de inauguração final da capital em 12 de dezembro de 1897.

---

<sup>6</sup> CAZES, p.21.

<sup>7</sup> SEC. DE CULT. DE BELO HORIZONTE , Sociedade Musical Carlos Gomes - 100 anos, p. 22

Também em 1896, no mesmo ano de formação da Banda Carlos Gomes de Belo Horizonte, nascia, pela iniciativa de Anacleto de Medeiros, a famosa Banda do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro. Composta por chorões, com Anacleto na regência, a banda passou a se destacar das demais “*pela melhor afinação, leveza e arranjos bem acabados*”<sup>8</sup>. A integração que Anacleto realizou entre as bandas e a cultura das rodas de choro do Rio de Janeiro enriqueceu muito as duas manifestações musicais. Fazendo arranjos e composições para banda, fez com que a linguagem chorística se propagasse como em nenhum outro momento até então. Muitas vezes ignoradas ou destituídas de sua importância social, seja pela falta de apoio, seja pela má qualidade de alguns grupos, as bandas de música continuaram, ao longo do séc. XX, a fornecer músicos para todos os tipos de formações musicais, entre elas os grupos de choro. CAZES (p.33) observa que:

“Para se ter uma idéia, Joaquim Antônio da Silva Callado (1848) e Paulo Moura (1932), ambos filhos de mestres de banda, tiveram o mesmo tipo de iniciação musical com quase um século de diferença. Outros grandes músicos e compositores como Capiba, Severino Araújo, Netinho, Claudionor Cruz e Moacyr Santos também aprenderam música em casa e começaram cedo tocando na banda dos pais”.

Os primeiros registros fonográficos do repertório chorístico foram realizados em 1902 pela *Banda do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro*, quando também gravaram valsas, polcas, tangos, incluindo aí composições do próprio Anacleto de Medeiros. Já as primeiras gravações de solistas de choro começam a aparecer em 1907, com os grupos *Novo Cordão* e *Cavaquinho de Ouro* ambos do Rio de Janeiro. O grupo *Novo Cordão*, cujos componentes - por uma negligência habitual

---

<sup>8</sup> CAZES, p.30.

do período<sup>9</sup> - não são identificados, nessas gravações históricas, mostram o violão começando a desenvolver as chamadas baixarias<sup>10</sup>, que é hoje uma das mais marcantes características do acompanhamento chorístico<sup>11</sup>.

O surgimento das gravações fonográficas comerciais é um ponto crucial para que o movimento do choro pudesse transpor as fronteiras cariocas e chegasse às Minas Gerais. Até então, a música praticada por Ernesto Nazaré e Chiquinha Gonzaga, entre outros, tinha as partituras como único meio de divulgação em locais mais distantes do Rio de Janeiro. Como exemplo, podemos citar a polca (choro) “Atraente”, composta por Chiquinha Gonzaga em fevereiro de 1877, que em novembro do mesmo ano já estava na sua 15ª edição<sup>12</sup>. Com o advento das gravações, músicos dos mais diversos locais puderam ouvir e absorver o sotaque que é tão peculiar ao choro, aspecto que é difícil de ser codificado e anotado em uma partitura. As gravações e, posteriormente o advento da rádio-transmissão fariam com que o choro lançasse suas sementes e se enraizasse na cultura musical mineira.

---

<sup>9</sup> BRASIL, p. 20

<sup>10</sup> “As baixarias são contracantos graves realizados no choro. O termo pode designar: a) a linha formada pelos baixos da progressão dos acordes em uma determinada passagem; b) um desenho ou gesto melódico, por parte dos acompanhadores de tessitura grave, que normalmente conduz de um acorde a outro, que preenche os momentos de maior repouso da melodia principal ou ainda que define um estilo de levada”. BRASIL, p.13.

<sup>11</sup> CAZES, p. 42.

<sup>12</sup> CAZES, P. 35.

### **3. Belo Horizonte e o choro.**

Até o advento da rádio-transmissão, o contato de Belo Horizonte com o choro era muito incipiente, resumindo-se, até a década de 30, praticamente a partituras vindas do Rio de Janeiro. Neste período, entretanto, deve-se destacar um fato importante no desenvolvimento do choro em Belo Horizonte: a apresentação do grupo *Oito Batutas* em 21 de janeiro de 1920 no *Cine América*.

Grupo pioneiro do choro no Brasil, os *Oito Batutas* tinham na sua formação: Pixinguinha, Raul Palmieri, José Alves, China, Jacó Palmieri, Luiz de Oliveira, Donga e Néelson Alves. Patrocinados por Arnaldo Guinle, um dos homens mais ricos do Brasil na época, viajaram em turnê, em fins de 1919, com o objetivo duplo de divulgar a sua música e coletar dados sobre a música popular brasileira. Inicialmente visitaram os estados de São Paulo e Minas Gerais e depois, em 1921, visitaram a Bahia e Pernambuco.

Três dias após a estréia em Belo Horizonte, o conjunto tocou novamente no *Teatro Municipal*, além de fazer sessões vespertinas no *Cinema Comércio*. Segundo Sérgio CABRAL (1997, p.56), o *Jornal de Minas* destacou a participação de João Pernambuco (que nesta turnê fazia parte do grupo) e Pixinguinha, que “evocou magistralmente a alma de Patápio Silva na vigorosa execução de seu maravilhoso instrumento”. O contato dos mineiros com o grupo mais significativo do choro de todos os tempos, pode ter sido a semente que estimulou a formação dos primeiros grupos regionais de Belo Horizonte.

A música popular brasileira, com o advento do Rádio na década de 30, teve um grande impulso. Compositores, cantores e vários grupos subitamente se tornaram mais conhecidos usando o rádio como principal meio de divulgação da música. O choro acompanhou esta evolução de perto, o que é comprovado pelo fato de quase todas as estações de rádio da época manterem *grupos regionais* em seu *cast*, indispensáveis já que não tinham a necessidade, ao contrário das orquestras, de arranjos com partes minuciosamente anotadas. CAZES (1999, p. 85) comenta que eles “tinham a agilidade e o poder de improvisação para tapar buracos e resolver qualquer parada no que se referisse ao acompanhamento de cantores”. Waldir SILVA (2004), cavaquinista que trabalhou na Rádio Inconfidência em Belo Horizonte, confirma que além de acompanhar os cantores, “o regional era o tapa-buraco, quando acontecia algum problema ou falha na programação”.

Em Belo Horizonte, um forte estímulo à existência dos grupos regionais anteriores às rádios foram os saraus. Antes das rádios começarem a contratar os músicos de choro, eram as reuniões familiares, festas, serenatas e bandas de música que agregavam estes músicos. Nos bairros da cidade, havia grupos que se restringiam a encontros domésticos. Segundo Hélio PEREIRA (2004) e o radialista Acir ANTÃO (2004), os encontros para se tocar choro aconteciam em casas de particulares, como a de José Amâncio (no bairro Vila Nova Esperança), Zé Barbeiro (no Salgado Filho), Bizeca e Antônio do Breque (no Aparecida), Aristides (no Nova Esperança). Muitos músicos abriam suas casas para saraus aos domingos, como José Amâncio (violonista), que recebia freqüentemente Jovelino (violão), Moreira (clarinete), Onofre (cavaco), Tamis (bandolim), Vicente Malaquias

(flauta) e outros. Também na casa de João Castelhana (violão tenor), se encontravam Nonô (cavaco), Hélio Pereira (violão), Aláides (pandeiro), e Antônio Aguilar (bandolim). Na casa de Aristides (trombone), as reuniões também eram freqüentes. Seu irmão Duca, muito talentoso, tocava bandolim, cavaquinho, violão e banjo, era conhecido pelo temperamento explosivo. Segundo ANTÃO (2004):

“... o engraçado era que por muito pouco ele entrava em uma confusão e quebrava na cabeça de seu desafeto o instrumento que estivesse tocando no momento. Daí era um drama para que alguém da roda de choro emprestasse a ele um instrumento para que ele pudesse tocar. Estes encontros eram regados a café e cachaça, já que na época cerveja era artigo de luxo”.

A Rádio Inconfidência (que começou a operar em 1936) e a Rádio Guarani contrataram músicos para formar os primeiros regionais de Belo Horizonte. Segundo DUARTE (2001, p.39):

“... além das Orquestras, a Rádio tinha também os seguintes conjuntos: Ritmos PRI – 3, Quarteto Dominó (vocal) e um conjunto denominado Regional [...]”.

Nestas rádios passaram pelos seus regionais muitos músicos como: Juvenal Dias (flauta), Bento de Oliveira (violão), Ofir Mendes (clarineta), Hilário Alves (violão), Mário Vaz de Melo (pandeiro), João Batista Júnior – Zinho (cavaco afinado como bandolim), Nico (flauta), Miro (cavaco), Aristides (violão), Tuta (violão; preferido do cantor Orlando Silva), Jair Silva (pandeiro), Orlando Pinto (bandolim), Inhô (cavaquinho), Nonô Caolho (cavaco), Chiquinho (7cordas), Canhoto (violão), Rocha (clarinete), Veludo (acordeon), Aláides (pandeiro), Lagoeiro (flauta) e creio que mais alguns, mas esquecidos pela memória dos entrevistados.

Segundo SILVA (2004), o trabalho na Rádio Inconfidência chegou a ficar tão pesado que a direção contratou um regional chamado de “B”, para dividir o serviço com o primeiro. Este regional foi montado por Genaro Cruz (Acordeon) e contava com Waldir Silva (cavaco), Milton Mota (violão), João Fagundes (violão), Alcemar (trompete), Bororó (percussão) e Osvaldo Jordão (pandeiro).

Na década de 1960, os grupos regionais começaram a perder importância, já que a programação das rádios tornava-se cada vez mais mecânica, forçando a dispensa dos artistas que compunham as orquestras e regionais. Como no início de sua história, os grupos de choro voltaram-se mais para o ambiente de suas raízes, as rodas de choro. Sua música passa a ser mais admirada em encontros domésticos ou de cunho não comercial como aniversários e serestas, ou ainda restrito a alguns restaurantes e bares preocupados em oferecer música alternativa às correntes divulgadas pelos veículos de comunicação de massa. Na década de 1970 houve uma redescoberta do gênero, evidenciando um reconhecimento do valor de músicos como Pixinguinha, Jacob do Bandolim, Waldir Azevedo e do mineiro Abel Ferreira. Nesta nova fase da história do choro, observou-se, em todo o Brasil, o nascimento de grupos espelhados nestes ídolos. *Naquele Tempo*<sup>13</sup>, um dos primeiros grupos de choro de expressão em Belo Horizonte, teve a seguinte formação: Flávio Fontinelli (bandolim), Eduardo Delgado (flauta), Branco (cavaco), Sesquatro (violão), Jaime (7cordas), Bigô (pandeiro). Outros grupos importantes

---

<sup>13</sup> Nome de um choro composto por Pixinguinha.

de Belo Horizonte surgidos neste período são *Abandonado Choro*, *Sacatrapo*, *Sarau Brasileiro*, *Clube do Choro*, *Flor de Abacate*<sup>14</sup> e *Waldir Silva e Grupo*.

Waldir Silva é unanimemente apontado por músicos e diletantes do choro [ANTÃO (2004), ANDRADE (2004), CAMARGO (2004), ALVARENGA (2004), COSTA (2004), PEREIRA (2004), SANTOS (2004), MONTEIRO (2004), DALMÁSIO (2004), dentre outros], como o primeiro músico de Belo Horizonte a se firmar nacionalmente como instrumentista e compositor de choro por meio de gravações. SILVA (2004), que afirma ter gravado mais de vinte discos de cavaquinho solo, ficou conhecido em todo Brasil com sua música *Telegrama Musical*, considerado o hino dos telegrafistas brasileiros, tendo também sido escolhido dois choros seus para a trilha sonora da novela *Pecado Capital* da Rede Globo de Televisão: *Quatro Cordas que Choram* e o tema da personagem Emilene, *Castelo de Amor*.

Outro marco na história do choro em Belo Horizonte foi a criação do *Clube do Choro*, a partir de reuniões de amigos chorões na casa de Wagner (irmão de Belini Andrade) na década de 1980. A organização desta entidade civil tinha Wagner (7Cordas) como Presidente, Acir Antão como Vice-Presidente, Belini como Diretor Artístico e Shirlei (esposa de José Carlos do cavaquinho) como Secretária. Posteriormente, Wagner 7Cordas criou o bar *Beco do Choro* em 1984, que foi a primeira casa a tocar exclusivamente este gênero musical na cidade. Contando com a divulgação do radialista Acir Antão, o bar se firmou no cenário musical de Belo Horizonte, abrindo de sexta a domingo, até seu fechamento em 1989. Os

---

<sup>14</sup> Nome de um choro composto por Álvaro Sandim.

músicos que passaram pelo grupo do *Beco do Choro* foram muitos, dentre eles: Wagner (7 cordas), Belini Andrade (sax), Mozart (violão), Baesi (cavaco), Zito (pandeiro), Cícero (Acordeon), Camargo (pandeiro), Luiz Zacarias (bandolim), Toninho (cavaco), Antônio (bandolim), além também da participação esporádica de diversos artistas nas suas famosas “canjas”<sup>15</sup>. Aparentemente devido aos objetivos individuais de seus idealizadores, o *Clube do Choro* encerrou suas atividade juntamente com o fechamento do *Beco do Choro*, mas suas atas e registro, bem documentados, ainda estão em posse de seu primeiro presidente, Wagner 7Cordas.

Atualmente, o cenário do choro em Belo Horizonte é bem rico e diverso, representado em várias casas noturnas que dão espaço aos grupos de choro pelo menos um dia por semana. Única casa exclusiva de choro em Belo Horizonte, o *Pedacinhos do Céu*<sup>16</sup>, sob o comando do cavaquinista e compositor Ausier, é hoje o principal reduto do choro na cidade e recebeu, ao longo de sua história de 9 anos (começou em 1996), os principais nomes do choro no país, além de personalidades que ali vão atraídas pela mística do choro. O *Bar do Bolão*<sup>17</sup>, no bairro Padre Eustáquio, mantém uma roda de choro que acontece todas as quintas-feiras há quase 14 anos (desde 1992), aberta às canjas, mas com um grupo que hoje é integrado por Ildeu Vilanova (Bandolim), Zito (pandeiro), Silvio Carlos (7cordas), Mozart (violão), José Carlos (cavaquinho), Jonas (Bandolim).

---

<sup>15</sup> Canja é o nome que popularmente os músicos dão a participação de um músico que não é do grupo e que toca algumas músicas com o conjunto que está se apresentando.

<sup>16</sup> Nome de um choro de Waldir Azevedo.

<sup>17</sup> Sr. Raimundo (Bolão) é violonista de sete cordas e mantém no bar de seu filho (Aroldo) uma roda de choro que se reúne todas as quintas-feiras.

Como em todo o país, muitos grupos de choro nasceram e foram desfeitos na história de Belo Horizonte. Entre os que conseguiram se manter por um tempo maior e hoje são referência musical na cidade, se destacam: *Sarau Brasileiro*, *Waldir Silva e grupo*, *Pedacinhos do Céu*, *Paulinho 7cordas e grupo*, *Wagner 7cordas e Grupo*, *Siricotico*, *Elisa (acordeon)* e *Grupo, Flor de Abacate* dentre outros. O grupo *Sarau Brasileiro* produziu o CD *Sarau Brasileiro interpreta Geraldo Alvarenga* (2001) com obras de seu idealizador Geraldo Alvarenga (cavaco). O grupo *Flor de Abacate* desenvolve trabalho de pesquisa no choro e já gravou três CDs: *Flor de Abacate* (1999), *Batuque*(2002) e *Belini Andrade e Flor de Abacate* (2004), este último totalmente dedicado às obras do compositor Belini Andrade.

Muitos músicos e divulgadores do choro não citados aqui e, especialmente o público amante deste gênero musical, têm contribuído para o movimento do choro em Belo Horizonte. A seguinte catalogação de compositores e seus choros, acompanhados do tipo (choro ou valsa-choro), ano de composição e dedicatória (se houver), é também seletiva e visa preservar, ciente de sua incompletude, esta primeira história do choro em Belo Horizonte. São apresentados 8 compositores com um total de 164 choros: Ausier V. Santos (com 05 obras), Belini A. de Andrade (com 74 obras), Geraldo R. L. de Alvarenga (com 23 obras), Gustavo H. Monteiro (com 20 obras), Hélio Pereira (com 04 obras), Sílvio Carlos S. Costa (com 18 obras), Waldir Silva (com 11 obras) e Warley H. Dalmásio (com 09 obras). As partituras podem ser encontradas com os compositores ou com o autor do artigo.

## **4. Compositores de Choro em Belo Horizonte e suas obras.**

### **4.1. Ausier Vinícius dos Santos**

Ausier Vinícius nasceu no dia 2 de dezembro de 1961 em Peçanha, Minas Gerais. Seu avô, clarinetista da banda de música local e que serviu como seu modelo musical desde muito novo, observando-o com interesse quando tocava em casa, lhe deu um cavaquinho quando tinha 7 anos de idade. Aos 9 anos, sua mãe lhe presenteia com um violão. Demonstrando grande musicalidade, aos 15 anos já liderava uma banda de baile da região. Cansado de ver colegas saírem da banda para procurar um melhor campo profissional em Belo Horizonte, procurou uma turma de músicos mais velha que sempre fazia choro e seresta em sua cidade. Foi então que se voltou para o cavaquinho. Nesta época com 18 anos, ganhou seu primeiro disco de Waldir Azevedo, personagem em quem se espelhou e que viria a se tornar seu maior ídolo.

Ausier veio para Belo Horizonte em 1989, para trabalhar como bancário. Desistiu desta profissão em 1996 e abriu o bar *Pedacinhos do Céu*, que se tornou a casa de choro mais conhecida da cidade. Inicialmente aberto no bairro Dona Clara, sete meses depois o *Pedacinhos do Céu* mudou-se para o Alto Caiçara, onde se encontra até hoje.

Antes de montar seu grupo de choro, que tem o mesmo nome do bar, Ausier tocou em Belo Horizonte com Silvio Carlos (atualmente violonista do grupo *Flor de Abacate*), Geraldo Alvarenga (atualmente do grupo *Sarau Brasileiro*), dentre

outros. O grupo *Pedacinhos do Céu* conta/ou com nomes como Sampaio (trombone), Mário (clarinete), Geraldinho Felício (7cordas), Frederico (pandeiro), Tião (bandolim), Marquinhos (cavaquinho), Gilmar (pandeiro), dentre muitos que já tocaram em seu grupo. Como compositor Ausier teve como maiores influências Waldir Azevedo e Pixinguinha.

### **Ausier Vinícius dos Santos**

<b>Nº</b>	<b>Título</b>	<b>Gênero</b>	<b>Ano</b>
<b>Dedicatória</b>			
01	<b><i>Chorinho da Jéssica</i></b>	choro	1991
Dedicado à sua filha.			
02	<b><i>Minha doce paixão</i></b>	valsa-choro	2004
Homenagem à sua sogra, Dona Paixão.			
03	<b><i>Momento de paz</i></b>	valsa-choro	2004
04	<b><i>Tema pra Celinha</i></b>	choro	2003
Dedicado à sua esposa.			
05	<b><i>Um choro para D. Olinda</i></b>	choro	2000
Dedicado à Dona Olinda Azevedo, viúva de Waldir Azevedo.			

## **4.2. Belini Alves de Andrade**

Belini nasceu em 19 de outubro de 1920, em Abaeté, Minas Gerais. Seu pai, que foi mestre da banda de música da cidade, levava Belini aos ensaios desde muito cedo e, aos 10 anos, deu-lhe um saxofone, o primeiro instrumento de vários, o qual aprendeu rapidamente. Além da banda de música, seu pai também dirigia um grupo de choro, fazendo com que se interessasse desde cedo pelo estilo. Com 15 anos, mudou-se para Belo Horizonte, conhecendo o bandolinista Orlando Pinto na Rádio Mineira, influência que acabou por sedimentar sua paixão pelo choro.

Aos 17 anos já era exímio saxofonista e conhecia bem o repertório de choro, principalmente o de Luiz Americano, cujos álbuns eram comprados por seu pai. Nesta época, veio para Belo Horizonte para servir ao Exército, onde rapidamente foi promovido a cabo. Lá, Belini parava em frente à sala da banda todos os dias admirando o ensaio. Um dia, o mestre da banda o convidou a fazer um teste. Impressionado com a musicalidade do jovem, o maestro lhe convidou para ingressar na banda. Embora tivesse que ser rebaixado a soldado, a música falou mais alto em seu coração e Belini optou por perder a divisa de cabo. Com pouco tempo já era músico de 2<sup>a</sup> classe da banda de música do exército.

Serviu ao Exército por 10 anos em Belo Horizonte, mas foi transferido para o Rio de Janeiro, onde ficou por 6 anos. Voltou a Belo Horizonte, onde ficou até aposentar-se como maestro da Banda de Música do 12º Batalhão. Em Belo Horizonte tocou em várias orquestras e grupos diversos, um dos quais ele mesmo criou no bairro Padre Eustáquio, que tinha, como integrantes contumazes,

Bernardo (violão), Orlando (Bandolim) e Pinheiro (violão de sete cordas). Mais tarde, a partir da idéia de seu irmão Wagner, que tocava cavaquinho e depois violão de sete cordas, abriram o bar *Beco do Choro*, que foi a primeira casa a tocar exclusivamente este estilo em Belo Horizonte. O grupo do *Beco do Choro*, que também deu nome a um choro de Belini, era formado por Wagner (7cordas), Belini (sax soprano e tenor), Mozart (violão), Baesi (Cavaquinho), Cícero (acordeon), Zito (pandeiro) dentre outros que também passaram pelo grupo. Esta casa abria às sextas, sábados e domingos e funcionou de 1984 a 1989.

Entre os compositores que mais o influenciaram estão Radamés Gnattali e Luiz Americano. Belini começou a compor em 1940, dedicando-se principalmente a choros e valsas. Escreveu cerca de 200 obras (74 em B.H.), sendo que a maioria ainda não foi editada. Possui dois álbuns de partituras editados, sendo que o primeiro traz facsímiles de manuscritos de choros e valsas copiados por Berenice Menegale. Atualmente, aos 84 anos, mora em Abaeté e gravou seu primeiro CD com 15 composições suas, juntamente com o grupo *Flor de Abacate*.

### **Belini Alves de Andrade**

<b>Nº</b>	<b>Título</b>	<b>Gênero</b>	<b>Ano</b>
<b>Dedicatória</b>			
01	<b><i>Abdula no choro</i></b>	choro	1960
Homenagem ao sobrinho, filho de seu irmão Wagner			
02	<b><i>A bronca da néga</i></b>	choro	1962
Escreveu depois de ver seu irmão Wagner levar uma bronca de uma mulher			
03	<b><i>Acertaste, amigo</i></b>	choro	1945
Uma pessoa leu a sua mão e as coisas previstas aconteceram			
04	<b><i>Alice</i></b>	choro	1950
Homenagem à sua esposa			

05	<b>Andanças na praia</b>	choro	1950
Feito por ocasião de sua primeira viagem para Olinda à casa da filha Geisa.			
06	<b>Aperto de mão</b>	choro	1950
Cumprimentou um homem em sua casa e este não o cumprimentou direito.			
07	<b>A platibanda verde</b>	choro	1980
Perdidos em Olinda, tomaram como referência uma casa com a platibanda verde.			
08	<b>Beco do choro</b>	choro	1988
Homenagem ao bar onde tocou.			
09	<b>Boas maneiras</b>	choro	1943
10	<b>Briga de foice</b>	choro	1943
Durante uma pescaria no rio Paracatu, presenciou uma briga entre dois roceiros.			
11	<b>Café amargo</b>	choro	1941
A dona de uma pensão em Resende deu-lhe café depois de uma bebedeira.			
12	<b>Cafuné</b>	choro	1951
Homenagem a sua filha Maria das Graças, que gostava de lhe fazer cafuné.			
13	<b>Cavaco de pinho</b>	choro	1941
14	<b>Chereta</b>	choro	1941
Para um homem que metia o bedelho em tudo.			
15	<b>Chorinho em mi</b>	choro	1941
16	<b>Churrasquinho</b>	choro	1941
Em uma pescaria no rio Paracatu, uma senhora lhe ofereceu um churrasquinho.			
17	<b>Ciceronando</b>	choro	1988
Homenagem ao acordeonista Cícero, com o qual tocou no bar Beco do Choro.			
18	<b>Dadinho no choro</b>	choro	1985
Homenagem ao sobrinho Geraldo, filho de Wagner			
19	<b>Enfatuado</b>	choro	1985
20	<b>Entre amigos</b>	choro	1985
21	<b>Faroleiro</b>	choro	1985
22	<b>FaSiLaSol</b>	choro	1985
23	<b>Fim de papo</b>	choro	1943
24	<b>Fusas nas teclas</b>	choro	1945
Escreveu para um pianista da cidade de Três Pontas.			
25	<b>Gingando</b>	choro	1960
Começou a tocar o saxofone e uma criança começou a dançar.			
26	<b>Homenagem a Paulo Moura</b>	choro	1958
Homenagem ao importante saxofonista e clarinetista de choro carioca			
27	<b>Horário integral</b>	choro	1954

Após um comandante do exército os obrigar a cumprir um horário.		
28	<b>Inspirado</b>	choro   1988
Homenagem ao jornalista Durval Guimarães.		
29	<b>Juliana</b>	valsa-choro   1988
Homenagem para uma admiradora e freqüentadora do Beco do Choro.		
30	<b>Libriano</b>	choro   1950
Signo de Beline.		
31	<b>Língua de cigano</b>	choro   1945
Homenagem a um cigano que conseguia colocar a língua na testa		
32	<b>Mandi chorão</b>	choro   1982
Em uma pescaria no rio S. Francisco, um amigo teve a mão perfurada pelo ferrão.		
33	<b>Maria Tereza</b>	valsa-choro   1988
Fã do Beco do Choro, que pediu a composição a Belini enciumada por Juliana.		
34	<b>Maroto</b>	choro   1985
35	<b>Matuto na praia</b>	choro   1960
36	<b>Meu amigo Corumbá</b>	choro   1960
Homenagem ao seu companheiro do exército Corumbá de Goiás Chaves.		
37	<b>Meu amigo Ivan</b>	choro   1960
Homenagem a um amigo de Abaeté.		
38	<b>Milho verde</b>	choro   1945
39	<b>Minhas mágoas</b>	choro   1942
40	<b>No arraial</b>	choro   1942
41	<b>Oi Tava no Choro</b>	choro   1943
42	<b>Pau amarelo</b>	choro   1941
Praia em Paulista, distrito de Olinda.		
43	<b>Pimpão</b>	choro   1941
44	<b>Prá lá, prá cá</b>	choro   1942
45	<b>Primeiro rebento</b>	choro   1948
Homenagem ao nascimento da primeira filha.		
46	<b>Quinta coluna</b>	choro   1948
Feito na época da revolução, depois de terem prendido um espião.		
47	<b>Receita de choro</b>	choro   1948
Jacob do Bandolim fez receita de samba, então Belini fez Receita de choro.		
48	<b>Remanso</b>	choro   1947
Remanso onde pescava no rio S. Francisco.		
49	<b>Respingando</b>	choro   1947

50	<b>Rosana</b>	valsa-choro	1979
Homenagem à sua filha.			
51	<b>Sacatrapo</b>	choro	1950
Homenagem a um pescador que puxou com tanta força o sacatrapo (vareta que limpa o cano da arma), que caiu de costas.			
52	<b>Sai de baixo</b>	choro	1950
Depois de uma tremenda briga em Abaeté.			
53	<b>Santinho</b>	choro	1950
54	<b>Sarapó</b>	choro	1970
Isca para pegar o peixe Dourado.			
55	<b>Saudades de Olinda</b>	choro	1980
56	<b>Sentimento de um soprano</b>	choro	1980
Homenagem ao seu instrumento.			
57	<b>Sintético</b>	choro	1980
58	<b>Solange</b>	choro	1954
Homenagem à sua filha.			
59	<b>Solitário</b>	choro	1954
60	<b>Sonhador</b>	choro	1954
61	<b>Tenoreando</b>	choro	1941
Após Belini tocar o sax tenor em Abaeté, um aluno sai pulando e dançando			
62	<b>Teus olhos</b>	choro	1950
63	<b>Tirana</b>	choro	1950
64	<b>Tricordiano</b>	choro	1952
Homenagem a um rapaz de apelido Pila, de Três Corações			
65	<b>Triste pensamento</b>	choro	1952
66	<b>Tudo errado</b>	choro	1942
67	<b>Um chorinho caprichado</b>	choro	1960
68	<b>Um chorinho em Abaeté</b>	choro	1988
69	<b>Um chorinho em pescaria</b>	choro	1988
70	<b>Um chorinho no cafundó</b>	choro	1988
71	<b>Um chorinho no porto</b>	choro	1988
Homenagem ao sítio de seu pai no distrito de Abaeté.			

72	<b>Vai-Vem</b>	choro	1988
73	<b>Venha cá!!! Pituca...</b>	choro	1980
Referência ao sotaque nordestino da filha ao chamar sua cadela em Olinda.			
74	<b>Zé Maria no choro</b>	choro	1988
Homenagem ao amigo clarinetista de Pedro Leopoldo.			

### **4.3. Geraldo Lúcio Rosa de Alvarenga**

Geraldo Alvarenga nasceu em 13 de setembro de 1957, em Itabira, Minas Gerais. Teve contato com a música cedo por nascer em uma família musical: sua mãe montava um coral com os filhos, ensinando-os a cantar as diversas vozes da partitura.

Geraldo despertou seu interesse para o violão aos 12 anos, tocando sucessos do rádio com os amigos, cujo repertório incluía músicas de Roberto Carlos e Beatles. No choro, entretanto, iniciou-se no pandeiro, por meio do professor Pedro de Caux. Ainda em Itabira, tocou em um grupo formado por Silvio Carlos (violão), Cláudio (bandolim) e ele na percussão,

Em 1976, Geraldo mudou-se para Belo Horizonte, onde se dedicou ao estudo do cavaquinho. Participou do grupo de choro *Flor de Abacate* até 1988, quando se desligou para criar o grupo *Sarau Brasileiro*, ao lado de Cadinho Ruas (sete cordas), Cícero (acordeon) e Ronaldo (pandeiro). Em 1994, o *Sarau Brasileiro* se reestruturou e, hoje, conta com Geraldo Alvarenga (cavaquinho), Hélio Pereira (Bandolim e Trombone), Geraldo Magela (7cordas) e Isaías de Souza - Zazá (pandeiro).

O grupo *Sarau Brasileiro* é um dos grupos de choro mais representativos de Minas Gerais, tendo acompanhado vários músicos como Paulinho Pedra Azul, Roberto Silva, Emilinha Borba e Nelson Sargento, dentre outros.

Como compositor, Geraldo Alvarenga dedica principalmente ao choro, dentre os quais doze foram gravados no primeiro CD do grupo *Sarau Brasileiro*. Tem em Jacob Pick Bittencourt (mais conhecido como Jacob do Bandolim), Abel Ferreira e Pixinguinha suas principais influências na composição.

### Geraldo Alvarenga

Nº	Título	Gênero	Ano
<b>Dedicatória</b>			
01	<b><i>Amorosa</i></b>	Valsa-Choro	1988
02	<b><i>Belo caso de amor</i></b> Homenagem aos 100 anos de BH.	choro	2000
03	<b><i>Café Belas Artes</i></b> Bar onde o grupo <i>Sarau Brasileiro</i> se apresentava todas as segundas-feiras.	maxixe-choro	2002
04	<b><i>Colibri</i></b>	choro	2002
05	<b><i>Chorinho pro Baby</i></b> Para o violonista de seu grupo, Geraldo Magela.	choro	2000
06	<b><i>Chora clarinete</i></b>	choro	2003
07	<b><i>Chorinho do Miguel</i></b> Dedicado a seu filho.	choro	
08	<b><i>Dois amores</i></b> (parceria com Paulinho P. Azul) Dedicado aos seus pais.	valsa-choro	1997
09	<b><i>Esse é pra Maneca</i></b> Dedicado ao seu filho.	choro	
10	<b><i>Juá de capote</i></b>	choro	2000
11	<b><i>Luciana</i></b> Dedicado à afilhada.	valsa-choro	1988
12	<b><i>Meu cavaquinho no frevo</i></b>	choro	2000
13	<b><i>Nina</i></b> Homenagem à sua avó.	valsa-choro	1990
14	<b><i>No bar do Bolão</i></b> Bar que toca choro todas as quintas-feiras no bairro Padre Eustáquio, B.H.	choro	1997
15	<b><i>O carnaval que vem</i></b> Dedicado ao amigo Yuri Guidelha.	samba-choro	1995
16	<b><i>Sete cordas que choram</i></b>	choro	1988

Homenagem ao violonista Silvio Carlos.		
<b>17</b>	<b><i>Sideral</i></b>	choro
<b>18</b>	<b><i>Sonhando</i></b>	choro
Dedicado ao seu amigo Felipe.		
<b>19</b>	<b><i>Teia de aranha</i></b>	choro
Dedicado ao guitarrista Amauri Ângelo (Aranha).		
<b>20</b>	<b><i>Tropical</i></b>	choro
<b>21</b>	<b><i>Um chorinho pro Pereira</i></b>	choro
<b>22</b>	<b><i>Vagalume</i></b>	choro
<b>23</b>	<b><i>Zanzando</i></b>	choro
Dedicado ao pandeirista de seu grupo, Isaiás de Sousa (Zazá).		

#### 4.4. Gustavo Humberto Monteiro

Gustavo nasceu no dia 23 de agosto de 1980 na cidade de Monte Sião, Minas Gerais. Aprendeu cedo a gostar de música com os pais, que tinham vários discos. Com a chegada do professor de violão Luiz Carlos Pennachi em sua cidade, resolveu estudar o instrumento. Seu repertório incluía MPB e Beatles.

Descobrimo o gosto pelo desenvolvimento da técnica no violão, procurou aulas de violão clássico com um peruano que chegara há pouco tempo na cidade chamado Denis Bernard. Foi com este professor que estabeleceu seu primeiro contato com o choro. Em 1998, começou a estudar cavaquinho na cidade vizinha de Serra Negra, na região de Campinas (S.P.), onde entrou para um grupo de choro, quando desenvolveu o estilo. Veio para Belo Horizonte em 2000, para cursar Direito. Na capital, tomou conhecimento dos chorões no *Bar do Bolão*. Em uma destas noitadas conheceu Warley Henrique, cavaquinista, no bar *Clube da Esquina*. Depois de tocarem juntos naquela noite montaram uma parceria que dura até hoje. Como compositor se diz influenciado por Jacó do Bandolim. Seu choro chamado *Cara a Cara* foi classificado no Festival “*Curitiba no Choro*” chegando entre as doze finalistas. Atualmente tem 20 composições e toca nos grupos *Boca de Siri* e *G. Guedes e trio* acompanhando no violão de sete cordas Warley Henrique (cavaquinho), Gabriel Guedes<sup>18</sup> (bandolim) dentre outros.

---

<sup>18</sup> Filho de Beto Guedes e neto de Godofredo Guedes (Montes Claros). Seu avô era chorão e compôs várias obras.

## Gustavo Monteiro

Nº	Título	Gênero	Ano
<b>Dedicatória</b>			
01	<b><i>Brincadeira</i></b>	choro	2001
02	<b><i>Canção ao nosso amor</i></b> Homenagem à namorada Daniela.	choro	2003
03	<b><i>Cara a Cara</i></b>	choro	2002
04	<b><i>Desastrado</i></b> (parceria com Warley)	choro	2002
05	<b><i>Iniciando</i></b> Primeira composição.	choro	2001
06	<b><i>Intrigado</i></b>	choro	2001
07	<b><i>Minha menina</i></b> Para sua filha Giovanna.	choro	2002
08	<b><i>Molecagem</i></b>	choro	2002
09	<b><i>Ninguém segura</i></b>	choro	2003
10	<b><i>Poisé</i></b>	choro	2002
11	<b><i>Pra inglês ver</i></b> (parceria com Warley) Feito depois da vitória do Brasil sobre a Inglaterra na Copa do Mundo de 2002.	choro	2002
12	<b><i>O sol se põe ...</i></b>	choro	2004
13	<b><i>Saudade quando chora</i></b>	choro	2002
14	<b><i>Sonhei com você</i></b>	choro	2003
15	<b><i>Um chorinho pro seu Ivan</i></b> Homenagem a um violonista de Monte Sião.	choro	2001
16	<b><i>Um choro em Minas</i></b>	choro	2003
17	<b><i>Vontade de chorar</i></b>	choro	2002
18	<b><i>Pra você</i></b> (parceria com Warley)	choro	2002
19	<b><i>Mais um chorinho</i></b> (parceria com Warley)	choro	2002
20	<b><i>Lembrando você</i></b>	choro	2002

#### 4.5. Hélio Pereira

Hélio Pereira nasceu em Belo Horizonte em 17 de outubro de 1932, em uma família muito musical. Sua avó e seus irmãos, violonistas, despertaram seu interesse pela música e, aos 10 anos de idade, já tocava também. Levado pelo irmão, ingressou na Polícia Militar como trombonista. Sua mãe costumava acordá-lo às sete horas da manhã do domingo, a seu pedido, para ouvir o programa de rádio *Café com Choro*, tamanha sua admiração pelo gênero. Sua primeira turma de choro contava com Nonô (cavaquinho), Aláides (pandeiro), Antônio Aguilar (bandolim) e ele no violão. Reuniam-se sempre na casa de João Castelhana (violão tenor) para escutar gravações de Jacob do Bandolim e outros grandes da época, e também para poderem ensaiar seu repertório.

Aos 25 anos, ao lado de Chiquinho no 1º violão, começou a tocar o 2º violão no grupo regional de Waldir Silva, quando teve a oportunidade de se apresentar em vários lugares e realizar várias gravações não só com Waldir Silva, mas também com diversos outros artistas. Com o grupo, acompanhou nomes como Nelson Gonçalves, Sílvio Caldas, Orlando Silva, Jorge Veiga e Emilinha Borba.

Hélio Pereira foi também, durante vários anos, o 2º trombone da Orquestra Sinfônica de Minas Gerais (OSMG). Logo que se aposentou, assistiu a um show onde Ronaldo do Bandolim, do grupo *Época de Ouro* (Rio de Janeiro) interpretava Jacob. Empolgou-se e comprou um bandolim, passando a investir seu tempo no estudo deste instrumento. Logo ingressou no grupo *Sarau Brasileiro*, tornando-se uma referência como multi-instrumentista do choro belorizontino, destacando-se

como trombonista, violonista, cavaquinista e bandolinista. Como compositor, tem poucos choros, mas importantes para a história do choro em Belo Horizonte. Teve como referência composicional o bandolinista Jacob do Bandolim, seu maior ídolo.

### Hélio Pereira

<b>Nº</b>	<b>Título</b>	<b>Gênero</b>	<b>Ano</b>
<b>Dedicatória</b>			
<b>01</b>	<b><i>Lá na Pedreira (PPL)</i></b>	choro	
Homenagem à região da Pedreira Prado Lopes.			
<b>02</b>	<b><i>Olá companheiro</i></b>	choro	
<b>03</b>	<b><i>Pensando nela</i></b>	valsa-choro	
<b>04</b>	<b><i>Sarau</i></b>	choro	
Homenagem ao grupo de choro <i>Sarau Brasileiro</i> .			

#### **4.6. Silvio Carlos Silva Costa**

Natural de Itabira, Minas Gerais, Silvio nasceu no dia 12 de fevereiro de 1957. Iniciou-se no violão com Pedro de Caux, em sua cidade natal. Em 1976, já em Belo Horizonte, estudou violão clássico com os professores Nelson Piló, Agostinho Bob e José Lucena, dedicando-se a partir de 1978 ao estudo do violão de sete cordas. É um dos fundadores do grupo de choro *Flor de Abacate* (1978), do qual é também produtor, diretor musical e arranjador e com o qual gravou três CDs (*Flor de Abacate*, *Batuque e Belini e Flor de Abacate*). No primeiro CD, participavam do grupo Jorginho (cavaquinho), Ildeu (bandolim) e José Maria (clarinete). Hoje o grupo *Flor de Abacate* conta com Marcos Flávio (trombone), Silvio Carlos (7cordas), Camargo (pandeiro), Rubim (bandolim) e Dudu Braga (cavaquinho). Silvio Carlos participou de vários programas e eventos culturais em Minas Gerais e outros estados, em apresentações em diversos teatros, programas de TV e Rádio. Acompanhou músicos como Hermínio Belo de Carvalho, Paulinho da Viola, Pernambuco do Pandeiro, Fernando Ângelo, Luiz Nassif, Ronaldo do Bandolim, entre outros. Tem como maior influência instrumental os violonistas Baden Powell e Dino 7cordas. Suas composições refletem influências de Pixinguinha, Jacob do Bandolim e Baden Powell.

**Silvio Carlos Silva Costa**

<b>Nº</b>	<b>Título</b>	<b>Gênero</b>	<b>Ano</b>
<b>Dedicatória</b>			
<b>01</b>	<b><i>Bolão, o jacaré</i></b>	choro	2002
Dedicado ao amigo Raimundo "Bolão", violonista 7cordas.			
<b>02</b>	<b><i>Cancela</i></b>	choro	1980
<b>03</b>	<b><i>Choro nº 1</i></b>	choro	1985/1992
<b>04</b>	<b><i>Choro nº 2</i></b>	choro	1985/1992
<b>05</b>	<b><i>Choro nº 3</i></b>	choro	1985/1992
<b>06</b>	<b><i>Choro nº 4</i></b>	choro	1985/1992
<b>07</b>	<b><i>Choro nº 5</i></b>	choro	1985/1992
<b>08</b>	<b><i>Choro nº 6</i></b>	choro	1985/1992
<b>09</b>	<b><i>Choro nº 7</i></b>	choro	1985/1992
<b>10</b>	<b><i>Choro nº 8</i></b>	choro	1985/1992
<b>11</b>	<b><i>Choro pra Cláudio</i></b>	choro	1980
Homenagem a um bandolinista amigo de Silvio.			
<b>12</b>	<b><i>Lembrando dos velhos tempos</i></b>	valsa-choro	1998
<b>13</b>	<b><i>Nove de outubro</i></b>	choro	1984
<b>14</b>	<b><i>Os quatro malandros</i></b>	choro	1984
<b>15</b>	<b><i>Pedi e ganhou</i></b>	choro	1983
Dedicado a Geraldo Alvarenga.			
<b>16</b>	<b><i>Pedrinho de Caux</i></b>	choro	2001
Homenagem ao amigo e professor.			
<b>17</b>	<b><i>Saudade de Itabira</i></b>	choro	1981
Dedicado a sua terra natal.			
<b>18</b>	<b><i>Tantos anos sem Ele (Rafael)</i></b>	choro	1982
Homenagem a seu irmão falecido.			

#### **4.7. Waldir Silva**

Waldir Silva nasceu em Bom Despacho, Minas Gerais, no dia 28 de maio de 1931. Morou em várias cidades como Pará de Minas, Divinópolis e Pitangui, já que seu pai, ferroviário, trabalhava nas férias cobrindo o serviço de colegas para ganhar um pouco mais, tentando melhorar a vida difícil que levavam. Nessas andanças, o pai observou o interesse musical de Waldir que, nos parques de diversão – diferente de muitas crianças – ficava sempre atento às músicas que tocavam.

Em uma das viagens do pai, este lhe trouxe um cavaquinho usado, muito antigo, que custou, à época, 9 mil réis. Waldir tinha 12 anos e morava em Pitangui. Foi então que Waldir começou a procurar músicos para lhe ensinar, nas suas próprias palavras (SILVA, 2004) "... ficando como um carrapato atrás da turma da seresta da cidade. . .o interesse era tanto que eu chegava a ser chato!". Na cidade, após as missas, os jovens ficavam no jardim da praça conversando e flertando, e era ali que a turma da seresta combinava suas saídas. Para ficarem livres da insistência do quase criança Waldir, que sempre os acompanhava, arranjavam diversas desculpas:

"...eles mentiam dizendo que não haveria seresta aquela noite . . . eram as mais variadas desculpas, o violão quebrou, a mãe de um está doente, o outro com dor de cabeça. Era só eu ir embora, que daí a pouco eles se juntavam e saiam tocando" (SILVA, 2004).

Waldir, mesmo já deitado, ouvia o som da seresta passando, se levantava rapidamente e os alcançava. Não conseguiam vencer a sua obstinação em aprender.

Seu primeiro professor, quando tinha entre 14 e 15 anos, ainda em Pitangui, se chamava José Patesco, que editou um método para violão chamado *Violão a jato*. Teve muita dificuldade no início de suas aulas semanais, pois já conhecia um pouco cavaquinho, mas com as cordas montadas na afinação Ré, Sol, Si, Mi e José Patesco o fez aprender com a afinação Ré, Sol, Si, Ré.

Aos 16 anos, fez um concurso na Rede Ferroviária Mineira e ingressou na mesma como telegrafista. Aos 17 anos, conseguiu uma transferência para Belo Horizonte, onde pretendia se desenvolver mais na música. Veio morar com um tio, e começou a ter aulas com Catarino Santana. Quatro anos depois, empregou-se nos Correios e Telégrafos. Nesta época já admirava o cavaquinista Índio, o flautista Altamiro Carrilho e o clarinetista e saxofonista Luiz Americano. Waldir Silva muitas vezes acompanhava os solos do professor Catarino, que tocava violão tenor, aprendendo com ele obras como *Carinhoso*, de Pixinguinha. Depois, estudou com Osvaldo Gonçalves do Carmo, com quem aprendeu a solfejar. A partir daí, estudou sozinho, pedindo dicas aos colegas, ouvindo discos e o rádio.

Em 1950, havia um programa na Rádio Inconfidência chamado *Informador Sonoro*, no qual o locutor pedia a quem tivesse poemas sertanejos que os enviassem para serem declamados. Foi então que Waldir enveredou-se por este lado, recebendo o apelido de "poeta mineiro". Waldir lamenta-se, hoje, de não ter guardado nenhum de seus poemas.

Catarino Santana pediu a Elias Salomé, dono de uma escola de rádio, uma chance para Waldir na Rádio Inconfidência. Lá tocavam Elias no acordeon e Luiz Reis no violão, que ao verem o cavaquinho de Waldir, lhe disseram que com um instrumento daquela qualidade não poderia tocar na Rádio, já que se tratava de um cavaquinho muito antigo e rudimentar. Waldir então procurou o pai, que pegou um empréstimo no antigo Banco de Minas e comprou-lhe um cavaquinho *Gianinni* preto, novo. Assim, ingressou na Rádio Inconfidência, tendo sua carteira de trabalho assinada em fevereiro de 1951. Juntamente com Alberto e Didi, chegou a participar de um trio vocal nos moldes do *Trio Iraquitã*. Finalmente, Genaro Cruz (Acordeon), um compadre de Juscelino Kubistchek (notório admirador de serestas e choro) o convidou para participar de seu regional. O volume de trabalho na rádio era tão grande, que havia necessidade de se criar um segundo regional. Assim, participou do “regional 2” da Rádio Inconfidência juntamente com Milton Mota (violão), Alcemar (Trompete), João Fagundes (violão), Bororó (percussão) e Osvaldo Jordão (pandeiro). Naquele tempo, os programas de auditório onde Waldir trabalhava, apresentava muitos cantores e cantoras. Entre eles, destaca-se o programa *Só para mulheres*, dirigido por Ramos de Carvalho e animado por Aldair Pinto. Entre os músicos que Waldir acompanhou, destacam-se Emilinha Borba, Marlene, Nelson Gonçalves, Ciro Monteiro, Blecaute, Luiz Gonzaga, Francisco Carlos, Ari Barroso, Vicente Celestino, Sílvio Caldas, Carmélia Alves (a Rainha do Baião) e Jorge Veiga.

Em 1955, ganha destaque no cenário musical brasileiro Waldir Azevedo, um xará de Waldir Silva, também tocador de cavaquinho e o qual muito o influenciaria.

Waldir Azevedo revolucionou a história do choro realizando solos no cavaquinho, que até então, era considerado basicamente um instrumento de acompanhamento. Suas composições *Brasileirinho* e *Delicado* faziam tal sucesso que segundo Waldir havia filas nas portas das lojas de discos (SILVA, 2004). No meio desta febre musical, Waldir começou a estudar solos no cavaquinho. Batia o ponto no relógio da Rádio e subia para o terraço para ficar estudando sozinho, chegando a ficar até a madrugada. Confiante, Waldir começou a pensar em gravar. Foi ao Rio e São Paulo, mas não conseguia falar com ninguém, apesar das longas esperas nas portas das gravadoras e das cartas de recomendação. Chegou a tocar para Altamiro Carrilho, de passagem por Belo Horizonte, na esperança de que este pudesse auxiliá-lo. Altamiro lhe explicou que, no Brasil, naquele momento, as gravadoras só se interessavam pelo cavaquinho de Waldir Azevedo, a menos que ele aparecesse com algo “diferente”. Foi então que Waldir Silva teve a idéia de compor uma música baseada nas mensagens em Morse, código com o qual já trabalhava há muito tempo. Foi a São Paulo e se apresentou para o maestro H. Clodovil, pianista mineiro e diretor artístico da gravadora Copacabana. Clodovil se empolgou, anotou a música em papel pautado, contribuindo com algumas sugestões. Fizeram um arranjo e Waldir então gravou seu primeiro disco, um compacto com *Telegrama Musical* de um lado e o dobrado *Belo Horizonte* do outro, concretizando assim seu sonho. Esta gravação fez muito sucesso, tornando-se o hino dos telegrafistas brasileiros, e abrindo várias portas na carreira artística de Waldir Silva. Depois disso, vieram mais de 20 discos, entre compactos, LPs, CDs, além de composições suas que chegaram a ser temas de novela.

Waldir se diz influenciado por diversos compositores, mas especialmente por Waldir Azevedo. Atualmente, continua tocando com seu grupo, *Waldir Silva e Grupo*. Percorre toda Minas Gerais, participando de projetos como *Minas ao Luar* e *Minas em Serenata*, animando bailes, dando continuidade a uma carreira que se confunde com a história do choro em Belo Horizonte.

### Waldir Silva

Nº	Título	Gênero	Ano
<b>Dedicatória</b>			
01	<b>Castelo de amor</b>	choro	1977
Tema da personagem Emilene da novela Pecado Capital da Rede Globo.			
02	<b>Cavaquinho triste</b>	choro	1973
03	<b>Duas lágrimas</b>	choro	1963
04	<b>Ficou na saudade</b>	choro	1966
05	<b>Minas ao Luar</b>	valsa-choro	1995
Dedicado ao projeto que o SESC mantém onde Waldir toca em toda Minas Gerais			
06	<b>Paraibeiro</b> (Parceria com Zé Ramalho)	choro	1981
Homenagem aos próprios compositores, paraibano e mineiro.			
07	<b>Quando chora um cavaquinho</b>	choro	1963
08	<b>Quatro cordas que choram</b>	valsa-choro	1977
Feito para a novela Pecado Capital da rede Globo.			
09	<b>Telegrama Nº 2</b>	choro	1963
10	<b>Uma saudade</b>	choro	1981
Dedicado ao seu chará Waldir Azevedo.			
11	<b>Veludo</b>	choro	1962
Dedicado ao acordeonista de apelido Veludo.			

#### **4.8. Warley Henrique Dalmásio**

Warley nasceu em Belo Horizonte no dia 15 de abril de 1984. Sua avó, violonista, o influenciou desde pequeno. Motivado pelo sucesso dos grupos de pagode, pediu ao pai um cavaquinho quando tinha 15 anos. Após uma única aula com Zé do Cavaco, vizinho no bairro Concórdia, começou a praticar em casa sozinho. No seu bairro, freqüentava um bar onde se tocava pagode, para observar os cavaquinistas. Neste mesmo ano, montou um grupo de pagode com amigos. Seu primeiro contato com o choro se deu com um CD de Waldir Silva, comprado pelo pai. A partir daí, começou a ouvir e a tirar solos de ouvido.

Já tocando alguns choros, deu uma canja no *Bar da Dona Célia*, na Rua Jacuí, onde tocava Renato Rocha (violão). Foi então que Renato convidou Warley para ir à sua casa para estudar mais o choro, a fim de aumentar o seu repertório e poderem tocar juntos em festas e bares da cidade. Aos 16 anos, fez seu primeiro choro chamado *Caminhando Juntos*, se referindo ao seu cavaquinho. Em 2001, conheceu Gustavo Monteiro, parceiro com o qual toca e compôs alguns dos 9 choros que já compôs. Em 2002, participou do concurso *Prêmio BDMG Instrumental* concorrendo com três choros de sua autoria chamados *Pra Inglês Ver*, *Desastrado* e *Recomeçando*, com os quais foi um dos vencedores. No mesmo ano, venceu o concurso *Jovem Instrumentista BDMG*, cujo prêmio foi uma bolsa de estudos para aprimorar-se com um professor de seu instrumento. Então, começou a estudar com Geraldo Alvarenga, com quem desenvolveu sua base na teoria musical. Após este contato com Geraldo, integrou o grupo *Sarau Brasileiro* em diversas apresentações. Atualmente, Warley faz apresentações em vários

locais e eventos com seu grupo *Boca de Siri*, tocando também com os grupos *G. Guedes e Trio* (grupo de Gabriel Guedes) e *Sarau Brasileiro*.

### Warley Henrique

Nº	Título	Gênero	Ano
<b>Dedicatória</b>			
01	<b><i>Caminhando juntos</i></b>	choro	2000
Homenagem ao seu cavaquinho; sua primeira composição.			
02	<b><i>Deixa comigo</i></b>	choro	2002
03	<b><i>Desastrado</i></b> (parceria com Gustavo)	choro	2002
04	<b><i>Mais um chorinho</i></b> (parceria com Gustavo)	choro	2002
05	<b><i>Pra inglês ver</i></b> (parceria com Gustavo)	choro	2002
06	<b><i>Pra você</i></b> (parceria com Gustavo)	choro	2002
07	<b><i>Recomeçando</i></b>	choro	2002
08	<b><i>Quanto tempo</i></b>	choro	2003
09	<b><i>Saudades de você</i></b>	choro	2003
Homenagem à sua mãe Silvana.			

## **5. Conclusão**

Definido por Heitor Villa-Lobos como "a essência musical da alma brasileira", o choro - ao mesmo tempo gênero musical e forma de tocar, representa o próprio Brasil, em toda sua diversidade e virtuosidade.

O choro em Belo Horizonte cativou músicos que dedicaram e vem dedicando suas vidas a este estilo. Espero que esta pesquisa esteja fazendo um justo registro de nomes e fatos que fizeram esta história, além de contribuir com a catalogação de choros escritos na cidade, importante ao meu ver para a bibliografia de um tema tão atual e em plena expansão. Além disso, pretende servir de referência e incentivo para mais composições, músicos e o crescente número de pessoas que se interessam pelo choro atualmente.

Em Belo Horizonte, novos grupos estão se formando com jovens muito interessados neste gênero e apesar de sua trajetória recente, já existem na cidade referenciais para que esta história tenha sua natural continuidade, fazendo com que esta nova geração vivencie a emoção do choro em suas mais variadas "formas de chorar".

## 6. Bibliografia

BEHAGUE, Geràrd Henri. *Music in Latin America: an introduction*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall, 1979.

CABRAL, Sérgio. *Pixinguinha: vida e obra*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Lumiar, 1997. 283 p.

CANÇADO, Tânia Mara Lopes. *An Investigation of West African and Haitian Rhythms on the Development of Syncopation in Cuban Habanera, Brazilian Tango/Choro and American Ragtime (1791-1900)*. 241 f. Dissertação (Doctor of Musical Arts in Music Education) Shenandoah Conservatory, Winchester – EUA, 1999.

CAZES, Henrique. *Choro: Do quintal ao municipal*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1999. 204 p.

CR2 Comunicação e Marketing. *Esses meninos e um pouco do choro*, [s.l. : s.n.]

DUARTE, Cristiano Lages. *Juvenal Dias da Silva: Um Virtuoso da Flauta em Minas Gerais*, 2001. 142 f. Dissertação (Mestrado em Música Brasileira) UEMG/UNIRIO/CAPEL, Rio de Janeiro 2001.

GUEDES, Alexandre Brasil de Matos. *Introdução à Poética do Contrabaixo no Choro: O Fazer do Músico Popular entre o Querer e o Dever*, 2003. 180 f. Dissertação (Mestrado em Música). UNIRIO, Rio de Janeiro 2003.

JÚNIOR, Mauro Mascarenhas. *Música para Fagote e Piano no Brasil: Histórico, Análise de Obras selecionadas e Catálogo*. 1999. 199 f. Dissertação (Mestrado em Música) UFRJ, Rio de Janeiro 1999.

KIEFER, Bruno. *A Modinha e o Lundu*. 3. ed. Porto Alegre: Editora Movimento, 1986.

LOUREIRO, Maurício Alves. *The Clarinet in the Brazilian Choro with an analysis of the Choro para Clarineta e Orquestra (Choro for Clarinet and Orchestra) by Camargo Guarnieri*. 196 f. Tese (Doctor of Musical Arts) University of Iowa, Iowa – EUA, 1991.

MELLO, Zuzana Homem de. *A Canção no Tempo: 85 anos de Músicas Brasileiras*. Vol. 1: 1901-1957. 2. ed. São Paulo: 34, 1998. 366 p.

SECRETARIA DE CULTURA Prefeitura de Belo Horizonte. *Sociedade Musical Carlos Gomes: cem anos marcando o compasso da nossa história*. 1995, 268 p.

TINHORÃO, José Ramos. *Musica Popular: Um tema em debate*. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 1997. 188 p.

VASCONCELOS, Ary. *Carinhoso etc. História e Inventário do Choro*. Rio de Janeiro: Liv. Sant'Anna, 1984.

VASCONCELOS, Ary. *Raízes da Música Popular Brasileira*. Rio de Janeiro: R. Fundo Editora, 1991.

VASCONCELOS, Ary. *Panorama da música popular brasileira na Belle Époque*. Rio de Janeiro: Liv. Sant'Anna, 1977. 454 p.

WISNIK, José Miguel. *Sem receita: ensaios e canções*. Prefácio de Paulo Neves. São Paulo: Publifolha, 2004.

## **Entrevistas**

ALVARENGA, Geraldo Lúcio Rosa de. Belo Horizonte, Brasil, março de 2004. Fita cassete (60 min.). Entrevista concedida a Marcos Flávio de Aguiar Freitas.

ANDRADE, Belini Alves de. Belo Horizonte, Brasil, maio de 2004. Fita cassete (60 min.). Entrevista concedida a Marcos F. A. Freitas

ANTÃO, Acir. Belo Horizonte, Brasil, abril de 2004. Fita cassete (60 min.). Entrevista concedida a Marcos F. A. Freitas.

CAMARGO, Oszenclever. Belo Horizonte, Brasil, abril de 2004. Fita cassete (60 min.). Entrevista concedida a Marcos F. A. Freitas.

COSTA, Sílvio Carlos Silva. Belo Horizonte, Brasil, março de 2004. Fita cassete (60 min.). Entrevista concedida a Marcos F. A. Freitas.

DALMÁSIO, Warley Henrique. Belo Horizonte, Brasil, maio de 2004. Entrevista concedida a Marcos F. A. Freitas.

MONTEIRO, Gustavo Humberto. Belo Horizonte, Brasil, maio de 2004. Entrevista concedida a Marcos F. A. Freitas.

PEREIRA, Hélio. Belo Horizonte, Brasil, abril de 2004. Fita cassete (60 min.). Entrevista concedida a Marcos F. A. Freitas.

SANTOS, Ausier Vinícius dos. Belo Horizonte, Brasil, abril de 2004. Fita cassete (60 min.). Entrevista concedida a Marcos F. A. Freitas.

## **CDs**

FLOR DE ABACATE. *Flor de Abacate*. Belo Horizonte: Bemol, 1999.

\_\_\_\_\_ . *Batuque*. Belo Horizonte: Bemol, 2002.

\_\_\_\_\_ . *Belini Andrade e grupo Flor de Abacate*. Belo Horizonte: Bemol, 2004.

SARAU BRASILEIRO. *Sarau Brasileiro interpreta Geraldo Alvarenga*. Belo Horizonte, 2001.

## **Partituras**

ANDRADE, Belini Alves de. *Chorinhos em Desfile*. Álbum. Manuscritos de Berenice Menegale. Belo Horizonte: Imprensa Universitária, 1988.